

## QUESTÕES E PROBLEMAS

VERBOS EM -A(R) EM PORTUGUÊS:  
AFIXAÇÃO OU CONVERSÃO?

Margarida BASÍLIO (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Tradicionalmente, entende-se por vogal temática uma vogal que se agrega ao radical formando o tema, definido como a base morfológica para a flexão. A vogal temática é, portanto, um elemento de definição flexional: define-se em oposição ao radical, caracterizando a base da flexão. No verbo, o papel da vogal temática é mais relevante e característico que no nome, já que a vogal temática tem a função de definir a conjugação, sendo, portanto, um marcador essencial da flexão verbal.

Uma forma verbal em português apresenta dois níveis de estruturação morfológica: o flexional e o derivacional. No nível flexional, as formas verbais se estruturam em duas camadas, pelo acréscimo de sufixos modo-temporais ao tema verbal, e de desinência número-pessoais ao tema modo-temporal. Assim, por ex., formas como esqueceriam ou esquentasses são analisadas como em (1):

(1) {{{esquece}	ria}	m}
2a.conj.	Fut.Pret.	3a.p.pl.
{{{esquenta}	sse}	s}
1a.conj.	Imp.Subj.	2a.p.sing.

Dado o conhecimento do paradigma de cada conjugação, o falante pode produzir automaticamente qualquer outra forma flexionada do verbo, a partir da depreensão do tema verbal.

A estruturação do tema, por outro lado, entra no domínio da derivação. Os temas verbais podem ser simples ou primitivos, como em (2),

- (2) a. [chega]           V  
       b. [deve]          V

ou se estruturar em diferentes camadas de derivação, conforme ilustrado em (3):

- (3) a. [[[nacion] al] iza]  
           S   Adj   V  
       b. [en [velho] ece]  
                   Adj   V  
       c. [re[des[marca] ] ]]  
                           V   V   V  
       d. [des [rato] iza]  
                   S   V  
       e. [costa] ea]  
           S    V

Entretanto, a situação da formação de verbos em português é controversa no que se refere a verbos formados com -a, na medida em que este elemento se coloca na fronteira entre o nível derivacional e o flexional; verbos como perfumar e desossar podem ser

interpretados de diferentes maneiras quanto à formação(1).

Temos fundamentalmente três alternativas de análise:

(a) Considerar que tais formas se estruturam a partir do acréscimo da vogal temática ao radical. Neste caso, teríamos um radical comum perfum-, do qual derivariam o substantivo perfume e o verbo perfumar, pelo acréscimo da respectiva VT; do mesmo modo, a VT se acrescentaria a radicais do tipo Pref-X. Nesta abordagem, teríamos uma morfologia baseada em radicais: as unidades lexicais básicas seriam radicais, aos quais seriam aleatoriamente acrescentadas vogais temáticas.

(b) Considerar que tais formas resultam do acréscimo de uma VT que adapta morfologicamente o substantivo da base a uma conjugação verbal. Neste caso, teríamos um processo de conversão com adaptação temática flexional.

(c) Considerar que tais formas resultam do acréscimo do elemento derivacional -a, formador de verbos, a uma base substantiva. Neste caso, o sufixo -a se adiciona ao substantivo perfume e em desossar temos a adição simultânea de des- e -a ao substantivo osso. Os processos seriam respectivamente considerados como de derivação sufixal e parassintética.

Neste Squib pretendo discutir as três alternativas e sugerir que, embora nenhuma alternativa seja destituída de problemas, a alternativa (c) é a mais interessante para a descrição de estruturas lexicais do português.

A hipótese (a) está diretamente ligada à controvérsia entre uma morfologia baseada em radicais (Halle, 1973) ou em palavras (Aronoff, 1976) (2), a qual encontra

adeptos de ambos os lados nos vários percursos da teoria morfológica gerativa (Spencer, 1991).

Comprometida com uma morfologia baseada em radicais, a hipótese (a) apresenta alguns problemas de adequação à situação das formações do tipo em questão em português. Observamos, de início, que essa análise representa uma relação semântica de propriedades partilhadas pelo radical comum, em vez de espelhar uma relação de caráter temático entre o substantivo básico e a formação verbal (3).

Em segundo lugar, considerando-se que processos de formação de palavras são especialmente sensíveis à categoria lexical da base que podem selecionar, uma proposta de formação baseada em radicais tem o grave inconveniente de não apresentar marcações categoriais.

Um terceiro problema, do ponto de vista morfológico, é que a hipótese (a) estabelece total imprevisibilidade de vogais temáticas específicas na formação de nomes, o que seria natural em termos de composição fonológica de itens lexicais, mas não em termos de processos de formação.

Finalmente, embora seja possível ao falante estabelecer radicais pela operação de uma regra de análise estrutural, existe pelo menos uma alternativa mais direta disponível, a de formar o verbo de um substantivo através de um acréscimo vocálico direto (4).

A essas considerações, acrescenta-se o problema apresentado pelas formações do tipo desossar, já que radicais do tipo desoss- não estariam disponíveis para a formação de substantivos e a disponibilidade de radicais como oss- para a formação de verbos é duvidosa.

Passemos a considerar, em seqüência, a hipótese (b). A hipótese (b) corresponde à idéia de que a formação de

substantivo/verbo em inglês, em que a mera conjugação de um nome corresponde à formação do verbo correspondente. Teríamos, nessa hipótese, pois, um caso de conversão, apenas com a VT se acrescentando ao substantivo, para amoldá-lo às exigências temáticas da conjugação verbal em português (5). Alguns problemas que observamos com essa hipótese são os seguintes.

Em primeiro lugar, se o elemento -a em formações como perfumar é simplesmente uma VT que amolda morfologicamente uma base substantiva à conjugação verbal, esperaríamos encontrar também formações com a VT -e, sobretudo quando a VT -e já está presente na base substantiva, como em rede, perfume, tarde etc. Entretanto, isto não acontece.

Em segundo lugar, esse tipo de tratamento não se estende a formas como desossar com a mesma facilidade, já que nem a base substantiva nem a base verbal existem.

Em terceiro lugar, formas como perfumar e desossar são morfologicamente interpretadas por falantes de português como derivadas respectivamente dos substantivos perfume e osso. A análise desses casos como conversão faria tais formas se igualarem morfologicamente a verbos primitivos como entrar ou chegar, o que não corresponde aos fatos. Confrontem-se esses casos com os de velho, doce, absurdo etc., exemplos inequívocos de conversão adjetivo/substantivo: nestes exemplos, o falante reconhece a dupla vinculação categorial mas as formas continuam sendo morfologicamente simples.

Finalmente, o elemento -a que entra na formação desses verbos não se limita à conjugação do verbo, mas constitui a base verbal para formações posteriores (delimita-ção, contenta-mento, filtra-gem, emociona-nte

etc.), configurando-se, pois, como constituinte do lexema verbal.

A par dos problemas apontados acima, é importante ressaltar as conseqüências que uma análise por conversão traria para o quadro geral de análises de formação de palavras em português. Algumas dessas conseqüências são colocadas a seguir.

Uma das conseqüências é que o processo de conversão seria considerado como um processo comum na formação de verbos em português. Considerando-se que existe a opção sufixal, esta é a alternativa mais desejável, em princípio, dadas as dificuldades inerentes ao tratamento da conversão na teoria lexical.

Mas, sobretudo, o tratamento por conversão mascara e impede a investigação de estruturas morfológicas do português. Observe-se que temos alguns problemas análogos nas situações da chamada derivação regressiva (6), e, nesse contexto, é impossível deixar de constatar que a mudança de classe entre substantivo e verbo deve ser fonologicamente sinalizada em português. Observe-se, nesse particular, que apenas as "derivações regressivas" em -e e -o dão mostras de produtividade, em oposição a -a, que é justamente a vogal majoritária na constituição de verbos e a única produtiva em atuação isolada. Como as bases substantivas em -a são minoria em relação às outras possibilidades e as formações verbais em apenas -a também constituem minoria em relação a outros sufixos e derivação parassintética, temos uma configuração morfológica processual geral desfavorecedora de análises de conversão para formações de correspondência substantivo/verbo em português (7).

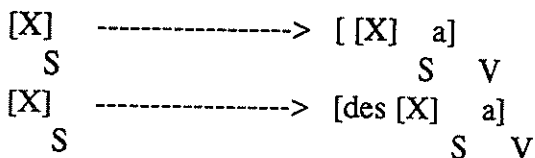
Em terceiro lugar, teríamos que considerar possíveis processos de mudança de classe por prefixação, o que

torna sobremaneira mais complexa a descrição de processos de formação de palavras em português. E não haveria a compensação de se eliminar a derivação parassintética, já que esta teria de ser mantida tanto para casos de formação de adjetivos (Basílio,1992) quanto para casos do tipo X-ecer, X-ear, des-X-izar etc.

O problema na modificação da descrição de processos como os envolvidos em desossar, encurtar etc, não se limita à perda da generalização de que prefixos não são usados para fins de mudança de classe em português (8). Temos, de acréscimo, uma situação bem mais complexa, envolvendo a mistura de prefixação com conversão, o que é, no mínimo, estranho, dado que normalmente se entende por conversão a mudança de classe sem nenhuma operação morfológica associada.

Os vários inconvenientes de teor e consequência apresentados pelas hipóteses (a) e (b) são evitados se consideramos o elemento -a nas formações do tipo perfumar e desossar como um elemento derivacional. Em todas as formações desse tipo teríamos, portanto, processos afixais. Adotando essa análise, os verbos assim formados têm a vogal -a final do tema reconhecida como VT no nível flexional, pelo mesmo tipo de regra de análise estrutural que analisa como VT o /a/ final de verbos primitivos como entrar, dever etc. Assim, teríamos os dois seguintes níveis de estruturas:

(4) nível derivacional



## (5) nível de reconhecimento flexional

[Xa]

V

1a.conj.

Considerando-se os problemas apontados anteriormente, a análise afixal é preferível às alternativas (a) e (b). Entretanto, também esta análise apresenta dificuldades. Uma delas é a composição fonológica monofônica, que em geral se procura evitar nos sufixos. Mas o problema maior é a coincidência entre o sufixo formador do verbo e a VT caracterizadora da flexão verbal.

Por outro lado, embora possamos estabelecer claramente os inconvenientes morfológicos de cada proposta, o problema de análise das construções focalizadas permanece, dado o estado controverso de uma grande parte dos pressupostos morfológicos envolvidos na discussão, sobretudo os referentes a uma abordagem Processual versus Representacional (9), à distinção Flexão/Derivação (10), a uma morfologia baseada em Palavras versus Radicais e, "last but not least", à questão da relevância relativa da adequação de proposições de descrição morfológica em línguas particulares.

(Recebido em 23/06/1992)

## NOTAS

(1) Um problema análogo se manifesta em formações envolvendo a vogal -a em sufixos tais como -iza(r), -ea(r) etc.



- (3) Temos, assim, um problema análogo ao levantado por Lobato (1989) em seu excelente estudo sobre derivação regressiva em português.
- (4) Estou pressupondo a existência de uma regra fonológica geral, segundo a qual a vogal de um afixo prevalece e automaticamente cancela a vogal átona de uma base.
- (5) Esta é, por exemplo, a posição de K. Halle (1992, comunicação pessoal).
- (6) Para um estudo dos problemas de análise da chamada derivação regressiva, remeto o leitor para Gamarski (1988) e Lobato (1989).
- (7) Essas proporções teriam de ser verificadas com maior cuidado, o que pretendo fazer em trabalho posterior. O ponto fundamental é que, por mais tentador que seja, por motivos semânticos e/ou sintáticos, identificar a situação dos verbos em inglês com a do português, não podemos ignorar a questão das estruturas morfológicas em cada língua, tanto em termos de processos específicos quanto em termos de configurações mais gerais na estruturação do léxico.
- (8) Observe-se, aliás, que essa generalização sobre o papel dos prefixos nas estruturas lexicais não é uma peculiaridade do português. Ao contrário, é uma característica geral dos prefixos, nas mais variadas línguas, embora não absoluta.
- (9) Ou seja, a controvérsia sobre se devemos nos ocupar dos processos de formação de palavras ou apenas representar estruturas existentes.
- (10) A distinção Flexão/Derivação se constitui numa longa controvérsia na Teoria Morfológica. Ver, por exemplo, Halle (1973), Aronoff (1976), Basilio (1981), Anderson (1982), Badecker e Caramazza (1989) etc.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, S.R. (1982) "Where's Morphology?" *Linguistic Inquiry* 13, 571-612.
- ARONOFF, M. (1976) *Word Formation in Generative Grammar*. Linguistic Inquiry Monograph I. Cambridge, Mass., The MIT Press.
- BADECKER, W. & A. CARAMAZZA, (1989) "A lexical distinction between inflection and derivation". *Linguistic Inquiry* 20, 108-16.
- BASILIO, M. (1980) *Estruturas Lexicais do Português*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1981) "Pela não dicionarização de formas flexionadas". *Anais do V Encontro Nacional de Lingüística*, v. I. Rio de Janeiro, PUC-RJ.
- \_\_\_\_\_ (1992) "O fator semântico na derivação parassintética: a formação de adjetivos". *D.E.L.T.A.*, v.8, No. 1, 71-89.
- GAMARSKI, L. (1988) *A Derivação Regressiva: um estudo da produtividade lexical em português*. Goiânia, CEGRAF, UFG.
- HALLE, M. (1973) "Prolegomena to a Theory of Word Formation". *Linguistic Inquiry* 4, 3-16.
- LOBATO, L. (1989) "A Derivação Regressiva em Português: conceituação e tratamento gerativo" Mimeo, Universidade de Brasília.
- SPENCER, A. (1991) *Morphological Theory: an introduction to word-structure in generative grammar*. Oxford, Basil Blackwell Ltd.